

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Curso De Formação Intercultural Para Educadores Indígenas - FIEI

Habilitação: Línguas, Artes e Literatura

O Parto Tradicional Xakriabá: histórias de parteiras

Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

Belo Horizonte, MG

Setembro de 2020

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Curso De Formação Intercultural Para Educadores Indígenas - FIEI

Habilitação: Línguas, Artes e Literatura

O Parto Tradicional Xakriabá: histórias de parteiras

Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Línguas, Artes e Literatura no Curso de
Formação para Educadores Indígenas.**

**Orientadora: Profa. Dra. Clarisse Maria
Castro de Alvarenga**

Belo Horizonte, MG

Setembro de 2020

Dedico esse trabalho à todo o meu povo Xakriabá, em especial, à minha família, aos anciãos do território, aos caciques, especialmente, ao cacique Rosalino (em memória), ao cacique Rodrigo (em memória), por suas lutas que ficarão marcada para sempre na memória de seu povo.

Às lideranças xakriabá, em especial, seu Valdemar e seu Valdinho (em memória), por nos guiar com seus conselhos e aprendizados que vão ficar para sempre em nossas memórias.

Aos meus entrevistados porque se não fosse eles nada disso seria possível. Às parteiras e parteiros do meu território, que são livros vivos para todo o seu povo. À todas as mães que dão luz à seus filhos que mesmo que não seja com uma parteira, mas que quando retorna para suas casas, elas ajudam de alguma forma.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por permitir que tudo isso acontecesse na minha vida, que me deu forças do começo ao fim.

A todo o meu povo xakriabá, especialmente aos caciques e lideranças de hoje e de ontem, pela suas lutas incansáveis em busca de melhora para todos nós, xakriabá. Por ter acreditado em mim ao assinar as declarações.

Aos meus companheiros de curso de todas as áreas: csh, cvn, matemática e principalmente aos companheiros LAL, porque nos tornamos mais que colegas de turma, nos tornamos uma família.

Agradeço os meus entrevistados por ter compartilhado comigo todos os seus conhecimentos.

Agradeço a minha família: à minha mãe, que durante esses quatro anos foi mais que uma mãe, foi um anjo que Deus colocou na minha vida, que nunca deixou nada faltar para o meu filho na minha ausência, sempre cuidou e amou como se fosse seu filho. Ao meu pai, que em toda minha vida sempre foi meu exemplo de superação e que sempre me incentivou a ir atrás dos meus sonhos. Aos meus irmãos que sempre me incentivaram a buscar sempre o melhor, que ajudaram a minha mãe a cuidar do meu pequeno quando eu precisava sair. Em especial à minha irmã e comadre Maiane que foi abrindo as portas da faculdade para que eu e minhas outras irmãs pudéssemos chegar lá.

Agradeço ao meu esposo Danilo por sua compreensão e carinho, por entender os meus momentos de ausência, por me incentivar desde o princípio. E me confortar quando eu sentia muita saudade do meu filho.

Agradeço principalmente ao meu pequeno Talles que sempre foi por ele que eu quis o melhor. Espero que ele entenda e compreenda os motivos por que tive que deixa-lo. Ele que sempre foi a razão desse trabalho está sendo concluído hoje, porque ele foi a minha força e a minha fraqueza, por quem eu lutei até o fim. E continuarei lutando para lhe dar o melhor que eu puder oferecer.

As minhas parceiras de quarto: Janaine, Edineia e Beatriz por me confortar quando a saudade doía, e por me fazer sorrir o tempo todo com suas palhaçadas.

Agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais, ao FIEI e a Faculdade de Educação. À todos os professores: Josilei, Guilherme, Marco Scarassati, Charles, Telma, Carlo Sandro, Carlos Novaes, Gilcinei e principalmente a nossa mestra e mãe da turma Maria Gorete, por nos agregar tanto conhecimentos e por nos dar novas visões em relação ao nosso território. Aos bolsistas João, Ana Paula e Mateus por nos ajudar sempre que precisávamos. À secretária Luciana que sempre esteve disposta a ajudar.

Esse meu agradecimento é de forma especial à minha professora e orientadora Clarisse Alvarenga, que sempre me ajudou quando eu precisei, em todos os momentos. Que nunca me deixou sem resposta quando eu não sabia mais o que fazer, sempre foi guia e luz para que esse trabalho tivesse pronto. Como eu costumo dizer à ela, esse trabalho não é só meu e dos meus entrevistados, esse trabalho é nosso.

Agradeço à minha tia e madrinha Vanilde Gonçalves de Deus Araújo e Érica Dummont por estar fazendo parte da minha banca em defesa desse percurso.

E, por fim, agradeço todos aqueles que contribuíram direto ou indiretamente para que esse trabalho fosse concluído, que Deus continue iluminando e guiando todos vocês para um bom caminho.

RESUMO

O tema do percurso acadêmico O Parto Tradicional Xakriabá: histórias de parteiras é muito importante para o povo Xakriabá, pois essa prática não é muito usada no Território hoje em dia. Atualmente, existem poucas parteiras e estas estão esquecidas. Este presente trabalho traz os cuidados e preparos das mães e crianças feitos pelas parteiras, além de retratar todo amor e carinho de uma parteira com uma mãe nesse momento tão especial para a vida de uma mulher. Traz também todo o conhecimento tradicional da parteira com as ervas medicinais e muitas outras técnicas que só elas dominam. São elas que ensinam as mães a ter cuidados com o resguardo, com a criança e com o corpo. Para o desenvolvimento desse trabalho foram realizadas seis entrevistas: três com a minha avó dona Guilhermina Gomes de Oliveira Santiago; duas com a minha mãe, dona Delcina Paulo Santiago Oliveira; e uma com José Araújo (Deda) e Maria Benedita Lopes Gomes (dona Preta) que são parteiros atualmente. Esses conhecimentos não podem acabar, pois as mulheres Xakriabá dependem desses cuidados para manterem o corpo e a mente saudáveis e seus filhos crescendo fortes e felizes. Além deste percurso escrito, o presente trabalho envolve um filme realizado por mim com minha avó no Laboratório de Práticas e Audiovisuais (LAPA), que agregou muito ao meu conhecimento com a orientação da professora Clarisse Alvarenga. O LAPA foi uma extensão ao FIEI, com financiamento da Fundação Carlos Chagas e Itaú Social por meio do Edital Anos Finais do Ensino Fundamental: Adolescências, Qualidade e Equidade na Escola Pública, onde tivemos a oportunidade de dar a nossa voz e a nossa visão através de uma lente, a visão e voz da mulher indígena xakriabá.

Palavras-chave: parto, conhecimento, ciência, resguardo, mulher xakriabá.

LISTA DE FIGURAS

FIG1: Meu filho Talles recém-nascido. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

FIG2: Talles hoje. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

FIG3: Dona Delcina, minha mãe. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

FIG4: Dona Guilhermina, minha avó. Foto: Edgar Kanaykõ

FIG. 5: Déda Xakriabá. Foto: Edgar Kanaykõ

FIG. 6: Dona Preta. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

FIG. 7: Dona Preta e sua família. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	p. 8
INTRODUÇÃO	p. 10
CAPÍTULO 1: Minha história e minha luta para ser mãe.....	p. 12
CAPÍTULO 2: O parto tradicional Xakriabá: histórias das parteiras	p. 17
CAPÍTULO 3: Os cuidados no resguardo (pós-parto)	p. 28
CAPÍTULO 4: Conhecimento transmitidos dos mais velhos para os mais novos p.	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 46

Apresentação

Meu nome é Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro, moro no território indígena xakriabá, na aldeia Brejo Mata Fome, município de São João das Missões, norte de Minas Gerais. Eu sou a filha mais velha de Adão Gonçalves de Oliveira e Delcina Paulo Santiago. Eu tenho 27 anos e 6 irmãos, 4 meninas e 2 meninos.

Eu comecei a estudar no ano 2000. A sala onde estudávamos era na sala da casa do meu avô, pai do meu pai. Ele sempre dizia que queria que os seus filhos mais novos tivessem estudo para serem alguém na vida e não depender só do serviço da roça. A escola indígena xakriabá foi aprovada no ano de 1997, na aldeia Brejo Mata Fome, e foi se expandindo por todas as aldeias. Foi quando foram surgindo as escolas vinculadas à sede que era dessa aldeia. A aldeia Imbaúba era uma delas.

Antes as crianças xakriabá estudavam com professores não-indígenas até a quarta série e elas sofriam muito pela falta de preparo desses professores para lidar com a realidade indígena. A troca desses professores era quase que semanal. Um vinha não ficava e ia trocando até vencer o ano. Tinha professores que aplicavam castigos severos que traumatizavam essas crianças e elas não voltavam mais para a escola. Depois de muita luta dos caciques e lideranças, a escola indígena foi criada, beneficiando muitas crianças, jovens e adultos xakriabá. Os professores são indígenas, entendem a realidade do seu povo, buscam a cada dia afirmar a nossa identidade e valorizar a nossa cultura.

Quando a escola chegou nas aldeias como membro da escola sede, várias dessas aldeias não tinham espaço para receber a escola. Foi o caso da aldeia Imbaúba, então meu avô cedeu a sala da sua casa para que os alunos estudassem. Vendo todo esse empenho do meu avô, o diretor da época decidiu colocar uma das minhas tias para ser professora, pois ela já tinha concluído a quarta série, tinha se preparado para ser professora. E ela já atuava no Brejo, trabalhando na sala de aula.

Nesta sala improvisada na casa do meu avô funcionavam quatro turmas da primeira à quarta série. Primeira e segunda série estudavam de manhã e terceira e quarta série à tarde. A sala era muita cheia, espaço pequeno, mas dava para aprender. Estudei nessa sala até 2004, quando fiz a quarta série. Quando fui para a quinta série, tivemos que deslocar da minha aldeia Imbaúba até a aldeia Brejo Mata Fome - uma distância de 4 quilômetros.

Saíamos de casa as 6 horas da manhã juntamente com alguns colegas e chegávamos as 6:45, estudava das 7 às 11:20, e retornava para casa, chegando por volta das 12:00, 12:10.

Em 2005 voltei a estudar na Imbaúba e nesse ano a escola já tinha o seu próprio espaço, mas continuava no quintal do meu avô. Em 2007 voltei a estudar no Brejo de novo, foi quando concluí a oitava série. Em 2008 passei a estudar o ensino médio à noite e concluí em 2010.

O território indígena Xakriabá é dividido em 36 aldeias e a população indígena é de cerca de 12 mil integrantes. A área demarcada é de aproximadamente 53 mil hectares. Os Xakriabá tem o seu território demarcado, mas lutamos para demarcar toda a nossa terra a qual temos o direito, para que no futuro as novas gerações possam ocupar e percorrer todo o nosso espaço deixado pelos nossos antepassados através de muitas lutas e sangue derramado.

Introdução

Quando iniciei meus estudos na Faculdade de Educação no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, já tinha em mim o interesse em pesquisar a história de vida da minha avó, que foi parteira durante trinta e cinco anos. Quando eu descobri que cheguei a esse mundo por suas mãos a minha admiração e amor por ela só aumentaram. A gente sempre teve uma ligação muito forte, todas as minhas angústias e dúvidas em relação a vida da mulher sempre conversava com ela. Sempre me dava conselhos para o melhor caminho seguir.

Durante o meu período de resguardo, eu percebi o quanto o pós-parto é sagrado para a nossa família. Eu via em seus olhos o amor e o carinho que ela cuidava de mim. Mesmo que o parto não tenha sido feito em casa, mas a partir do momento que eu cheguei na casa da minha mãe, eu fui aconchegada por todos da minha família, principalmente por meus pais que desejavam tanto ser avós.

Durante o desenvolvimento das pesquisas, fui descobrindo novas experiências que só faziam o meu interesse crescer cada dia mais. A cada nova descoberta, a minha curiosidade aumentava e a minha admiração também por essa mulher tão batalhadora e lutadora que trouxe ao mundo tantas crianças que nem ela mesmo sabe da quantidade exata.

Vejo que hoje o resguardo do pós-parto está muito desvalorizado no território indígena xakriabá, assim como as parteiras. Pretendo com esse trabalho, dar mais visibilidade às parteiras que ainda existem e incentivar as mães xakriabá a terem os seus filhos em casa, onde o momento de dar à luz seja repleto de aconchego e amor. Quando uma mãe da à luz no hospital ela perde muita informação dos seus filhos, com o conhecimento que o médico tem. Tem conhecimento que só as parteiras têm como, por exemplo, se o seu filho vai ser pajé, benzedor e muito mais pessoas importantes para a cultura indígena xakriabá. Quando uma mulher da à luz em casa ela não só está valorizando a sua vida e a de seu filho, mas também as parteiras xakriabá e a sua cultura.

Durante muito tempo houve muitas histórias de violências nos hospitais que atendiam as gestantes do território. Aquela momento que era para se tornar o momento mais feliz na vida de uma mulher acabou se tornando uma tragédia.

O tratamento que uma parteira dá para uma mãe é de forma sem igual, a dedicação e cuidados é sem medidas. Foi para mostrar isso que procurei analisar a prática das parteiras do povo xacriabá, com o pré-parto, parto e pós-parto. Busquei descrever o trabalho das parteiras, o cuidado com a mãe e com o bebê, descobrir as motivações que levavam elas e ele a se tornarem parteiras e parteiro e também procurei aprender os fazeres das parteiras e do parteiro com os remédios, banhos, resguardos e outros.

No filme que acompanha este trabalho eu mostro um pouco dos conhecimentos da minha avó Guilhermina a partir de conversas que tivemos. Ela foi uma figura muito importante para minha pesquisa e para meu aprendizado porque foi pelas mãos dela que eu vim ao mundo e foi também com ela que eu comecei a escutar as histórias de parto e parteiras e me interessei pelo assunto.

1. Minha história e minha luta para ser mãe

Em 2011 conheci o meu marido no começo do ano e nos casamos no final do ano. Fomos morar na cidade de Colina, em São Paulo, onde ele foi trabalhar no corte de cana. Ficamos lá por um período de um ano e retornamos para o território.

Eu sempre desejei ser mãe. Estava na tentativa e não conseguia engravidar. Então o médico pediu para mim fazer alguns exames. Quando veio o resultado, descobri que tinha cisto no útero e ovário policístico que, segundo o médico, era quase que impossível tratar. Ele disse que para eu ser mãe era só através de milagre.

Fiz tratamento médico durante quatro anos e nenhuma melhora estava obtendo. Eu sofria muito por causa das dores que estes cistos me causavam e também por saber que a cada dia o meu sonho de ser mãe ficava cada vez mais distante. Então, na última consulta que tive, em setembro de 2015, o doutor falou que eu não havia tido nenhum progresso no tratamento, o que me fez decidir abandonar o tratamento.

Foi um momento muito difícil, quase entrei em depressão, mas eu tive muito apoio da minha família e do meu esposo que sempre estava comigo nesses momentos conturbados. Ele sempre tentava animar e a ter fé em Deus e nunca desanimar e que tudo era possível. Então no início de 2016, mais preciso no dia 5 de janeiro iniciei o tratamento com remédios naturais indicado pelo pajé Vicente em parceria com um raizeiro da Bahia por nome de seu Ildo.

Fiz todo o processo que eles me recomendaram e no dia 25 de janeiro fiz o teste de gravidez e deu positivo. Foi um momento muito emocionante tanto para mim e o meu esposo que esse era o nosso grande sonho, quanto para os nossos familiares que acompanhavam o nosso drama.

No início foi uma gravidez conturbada, num período de quinze dias. Daí em diante foi uma gravidez tranquila até o momento do parto.

Eu queria ter o parto em casa, mas por conselho da minha avó e da minha mãe eu fui para o hospital. Elas tinham medo de que algo desse errado, já que eu tinha tido muita dificuldade para engravidar.

Quando o meu filho nasceu foi uma das melhores experiências que eu tive até hoje.

Em 2015 comecei o meu trabalho na escola. Comecei trabalhando no programa Tempo Integral, foi quando consegui passar no vestibular no final de 2016, no início do ano letivo de 2017 eu consegui trabalhar com as turmas funcionais do ensino médio e estou trabalhando até hoje. No começo eu trabalhava com as disciplinas de educação e saúde, inglês e matemática. Hoje eu trabalho com a disciplina de língua portuguesa nas turmas segundo e terceiro ano do ensino médio.

O meu filho se chama Talles Ariel, ele nasceu no dia vinte e seis de outubro de 2016, as quatro e meia da tarde, pesando 3,765 kg e medindo 0,65 cm. Ele é uma criança tranquila de sorriso fácil, muito brincalhão e curioso, tudo ele quer ver e quer saber o que é e para que que serve.

Desde o momento em que nasceu ele foi super tranquilo, não teve cólicas, não chorava a noite, passava a maioria do tempo dormindo, tinha que acordar para amamentar e tomar banho.

Ele sempre foi muito desejado por mim e pelo pai dele. Sempre imaginávamos sendo pais, e quando ele chegou em nossas vidas foi só bênçãos.

Todos os dias a minha mãe preparava o banho e dava o banho nele, e eu ficava ali observando como ela fazia, para quando chegasse a minha vez de dar banho nele eu saber como se fazia. Ela sempre alertava os cuidados principais com o umbigo e os ouvidos para não ficarem molhados.

Ela preparava também os remédios para usar no umbigo para cair e quando caiu ele reparou outros remédios para que sarasse e fechasse o mais rápido possível. Nesse período de cicatrização os cuidados eram dobrados.

Quando terminou o período do resguardo, eu voltei para a minha casa onde encontrei muita dificuldade pois já estava acostumada a ser mimada por trinta dias. Só podia contar com a ajuda do meu marido que aliás foi muito parceiro em todos os momentos. Eu voltei a trabalhar na escola quando ele estava com quatro meses - deixava ele com meu esposo.

Quando chegava tinha que acordar para amamentar todos os dias. Aí na primeira semana foi tranquilo: eu chegava e ele amamentava normalmente. Já na segunda semana ele não queria mais amamentar, pois quando eu saía deixava a mamadeira para o meu esposo dar a ele, caso ele chorasse. Fui insistindo até que chegou um momento que não deu mais. Eu cheguei da escola e fui amamentá-lo, ele chorava de fome e quando eu colocava o peito

na boca dele ele fazia ânsia de vômito. E quando colocava a mamadeira ele se aquietava. Fiquei muito triste, mas tive que me conformar e não insistir mais com ele para amamentar contra sua vontade.

De qualquer forma, em dois meses mais adiante eu teria que desmamar ele porque era tempo de ir para a UFMG. Foi muito difícil ter que sair, deixar ele com menos de seis meses, mas tinha que vir pois já tinha perdido o primeiro módulo. A minha mãe que ficou com ele, eu ligava três quatro vezes no dia para saber como ele estava. Foi nesse período em que ele cortou o cabelo pela primeira vez e eu não vi esse momento. Quando eu saí ele tinha dois dentinhos e quando eu retornei ele já tinha quatro.

Eu passei o primeiro dia das mães como mãe em Belo Horizonte, foi o dia mais triste da minha vida e ao mesmo tempo o mais feliz também. Triste porque era o meu primeiro dia das mães e estava longe do meu filho. Aí nesse dia meu marido me fez uma surpresa linda. Ele ligou por chamada de vídeo e estava com ele. Quando eu o vi não segurei a emoção. Ele estava tão lindo e pela primeira vez eu o vi com os cabelinhos cortado. Ali naquele momento eu não conseguia falar nada, só chorava e o admirava através de uma tela de computador.

Foi nesse dia também que eu tive a dimensão do quão grande é um amor de mãe. E também entendi o que significa esse dia para as mães. E foi assim até hoje. Todos os dias da mãe como mãe eu passo em Belo Horizonte. É um dia muito emocionante para nós, porque são muitas mães com aquele mesmo sentimento, então a gente se segura uma na outra para suportar a falta dos nossos pequenos e aguentar a saudade que nesse dia dói mais que nos outros dias.



Figura 1: Meu filho Talles, recém-nascido. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro



Figura 2: Talles hoje. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

2. O parto tradicional Xakriabá: histórias das parteiras

A minha mãe se chama Delcina. Ela é auxiliar de serviços gerais na Escola Estadual Indígena Bananeira, membro da Bukimujú. Ela é o meu espelho em como ser mãe, sempre foi um exemplo para todos, por sua dedicação e amor com todos os seus filhos. Nunca mediu esforços para nos dar sempre o melhor. Ela segue os passos da minha avó, só ainda não fez parto, mas, na parte dos remédios tudo é por conta dela. Em entrevista com ela, ela me conta como foi o parto quando eu nasci. Ela fala que quando eu nasci, ela só sabia que eu seria uma menina através das simpatias e que não imaginava que eu iria chegar antes do tempo:

Quando eu engravidei duce, foi uma gravidez até tranquila. Naquele tempo a gente num fazia ultrassom para saber o que era o menino, só fazia mermo as simpatias que a gente sabe. Era do coração de galinha, do garfo e da cuié, essas coisas. E tudo deu que era muié. Quando foi no dia que uce nasceu eu passei um nervoso quando foi mais tarde eu comecei a sentir umas dores aí eu falei cum seu pai, “eu to sentino umas dores estranhas, eu acho que a menina vai nascer.” Aí seu pai respondeu:” num vai não, pois num é tempo ainda.” Eu falei: “ce vai ver.” Aí quando foi de meia noite em diante a dor aumentou. Ele foi atrás da sua avó, quando chegou lá, ela num tava, tava no Barreiro. Ele foi atrás dela. Quando chegou era uma e meia e quando foi duas horas ce nasceu. Era tão pequena que dava trabalho para segurar na mão. Eu já tinha comprado umas roupinhas e costurado algumas, mas nenhuma servia nuce porque era muito pequena. Aí como eu num podia mais costurar porque num pode costurar nem quando ta grávida, imagina de resguardo. Ai foi sua avó que fez as suas primeiras roupas. Como uce era muito pequena muita gente pediu uce pra eles porque disseram pra mim e pro seu pai que uce num ia escapar. Aí seu pai falou que uce era nossa primeira fia. Se caso uce tivesse de morrer ou viver ia ser aqui em casa. Ai uce foi crescendo e engordando que nem parecia que num era de tempo. Ce era bem boazinha, quase nem chorava, nem doicia, muito assim não. Hoje, graças a Deus, já é uma muié, já tem sua família e foi isso. (Delcina, 2018).

Quando eu a perguntei sobre os cuidados no resguardo, ela respondeu o quão importante é os cuidados no resguardo, para que a mulher permaneça sempre saudável:

Os resguardos da muié já começa quando ela engrávida, ela já num pode mais ficar passando debaixo de arame, num pode mais costurar, porque isso enrola o parto, vai tipo o ponto que ela vai fazendo. Quando chegar num lugar tem que sentar onde que ninguém pode ta passando atrás dela, porque a gente num sabe quem teve um parto ligeiro ou enrolado então é bom ficar mais no cantim pra evitar esses do parto enrolado pra num enrolar o seu. O povo também fala que num pode comer beiju de tapioca, diz que o útero fecha e a criança num sai. Aí quando a criança nasce os cuidados dobra. Hoje, os partos são mais no hospital,

mas de primeiro quando a gente ganhava menino, eram três dias dentro do quarto. Aí o primeiro remédio que a gente toma é a encerrada.

Eu a perguntei como esse remédio é feito. Ela respondeu:

a encerrada é feita com a cinza do meio das trempes (chapa do fogão), jandiroba torrada, chifre, nove dentes de alho, arruda, manjeroma, folha de algodão, nanuscada (noz moscada) e coentro. Junta esses remédios tudo e põe pra ferver, depois põe três pitada de sal e bebe. Ta pronta a encerrada.

Já a ensergação para a minha mãe é a mais importante, já que ela serve para muita coisa, cuida da saúde da mulher.

A ensergação é a parte mais importante para a saúde da muié, ela pode até ta bem de saúde, mas se ela num tomar esses remédios ela vai sentir alguma coisa com o tempo. A ensergação é feita assim: pega o anilo, arruda, folha de algodão, coentro, o azeite doce e o azeite de mamona, cebola branca, folha de matruz, manjeroma, chifre, nanuscada, jandiroba e uma cabeça de alho. Aí pega tudo e põe pra cozinhar, quando tiver tudo cozido é só deixar morno e passa no corpo da muié fazendo em cruz. Começa pelo braço direito e a perna esquerda, depois a perna direita e o braço esquerdo, aí vai até a altura do estomago e fecha na barriga quando fecha aí marra e fica uns quinze dias, quando desamarrar a muié já ta com o corpo normal.

Quando eu a perguntei sobre a importância desses remédios ela responde:

Eu sei que eles são importantes porque num é de hoje que as muié usa, isso já vem de muito tempo. Eu aprendi a fazer esses remédios cum mãe que aprendeu com a sogra dela, e assim vai. Esses remédios são a base do resguardo da muié, ela pode até tomar outros, mas se num tomar esses num vai ser a mesma coisa. É isso que eu passei pruce mais Maiane quando uces ganharam os fii seus. São cuidados muito importante para a vida toda da muié, se ela cuidar, ela num vai duecer, num vai sentir dor de cabeça, na coluna, na barriga, porque ela guardou, já outras vai só doeceno e se Deus num tiver dó é perigoso até morrer. (2019)

Essa é a importância da cultura indígena, tudo aquilo que a gente aprende a gente repassa para a nossa cultura não se vai com os nossos anciões, pois precisamos desses aprendizados para cuidar de nós e de outras mulheres.



Figura 3: Dona Delcina, minha mãe. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

A minha admiração pela minha avó Guilhermina vem desde muito cedo. A minha mãe sempre me contava que ela era uma mulher muito batalhadora que não media esforços para sempre dar o melhor para os seus filhos. Trabalhava vários dias para as famílias na roça. Trabalhava por dia ou pegava por empreita. Ela sempre levava seus filhos para ajudá-la no trabalho. E deixava uma de suas filhas para cuidar dos filhos pequenos. Trabalhava o dia todo, trabalhava grávida, com criança de colo. Tudo para que os filhos não passassem necessidade, e para sempre terem o que comer e o que vestir.

As mulheres filhas da minha avó sempre foram batalhadoras também, quando dava por volta dos doze, treze anos já começavam a trabalhar em casas de família para ajudar nas despesas de casa e para ter o seu próprio dinheiro. Então minha avó para não ver os seus filhos passando necessidade, ela trabalhava fora. Hoje, todas elas têm uma profissão, duas são professoras, uma técnica de enfermagem, uma agente indígena de saúde, 1 auxiliar de serviços gerais e uma dona de casa.

Ela trabalhava em serviços pesados e alguns até leves como por exemplo: costurar roupas para fora, arrancar feijão, quebrar milho, cortar feijão, pisar arroz, arrancar mandioca, torrar farinha, plantar roça, entre outros. Vem daí a admiração por essa mulher batalhadora. Talvez por ter essa grande admiração que veio essa intimidade de ela sempre me contar as coisas.

Desde muito tempo eu já ouvia muita gente comentando que ela era uma das melhores parteiras que existia na região. Mas nessa parte ela nunca me falava nada, talvez pelo fato de eu ser muito nova e por esse assunto ser um tabu entre as mulheres da nossa comunidade e em todas as famílias xakriabá.

Quando eu me casei a gente começou a falar mais abertamente sobre esse tema, onde ela falava sobre suas experiências como parteira e como ela fez o parto quando eu nasci.

Ela falava que, quando eu nasci, eu mal cabia na palma da mão dela de tão pequena que eu era, porque eu nasci prematura, na fala dela eu nasci antes do tempo. Para minha avó que já tinha feito tantos partos, esse foi mais complicado, pois ela ainda não tinha feito nenhum parto com essa particularidade, como ela relata nas entrevistas. Ela afirma que a única criança prematura que ela fez o parto fui eu. E que quando eu nasci ela teve que fazer todo o meu enxoval porque não tinha roupa que servia em mim.

A única criança que num era de tempo foi só uce que eu peguei. Quando eu te peguei ce num cabia na mão direito de tão pequena que eu era. Num tinha roupa que servia nuce não. Nos primero mês era eu que fazia sua roupa, era do tamanho da roupa de uma boneca. Ce tinha um tanto de roupa, mas só foi servir nuce quando ce já tava cum mais de meis.

Ser parteira no Território indígena Xakriabá é um dom maravilhoso. Quando esta parteira faz um parto ela faz mais do que ajudar aquela mãe a dar luz ao seu filho. Ali naquele momento ela faz todo o seu ritual que aprendeu com quem lhe passou esses conhecimentos. Seja oração a Deus aos seus antepassados e aos encantados que a acompanham nessa missão.

São elas que vão transmitir todos os cuidados que a mulher vai ter a partir daquele momento. São elas as responsáveis por dar os primeiros remédios para a mãe e a criança. O cuidado que uma conhecer essa ciência tradicional. As novas guardiãs dessa ciência passam por muitos momentos de preparação para quando chegar a sua vez. A minha avó fala disso na entrevista que me concedeu. Ela conheceu esse dom maravilhoso através da sua sogra Maria Leocádia de Jesus que ela considerava uma sogra boa.

Ela decidiu ensinar a minha avó porque ela percebeu que nenhuma das suas filhas tinha dom para herdar tamanho conhecimento e ela viu que sua nora seria a pessoa perfeita para ela passar esses conhecimentos. Ela aprendeu tudo o que a sua sogra lhe ensinara. Aprendeu tão bem que ela foi considerada a melhor parteira durante o tempo que trabalhou. Ela fez partos das suas cunhadas, noras, amigas e principalmente das suas filhas. Ela considera a sua maior satisfação, ver os seus netos chegarem ao mundo. Ela fez até seus próprios partos.

Ela fala que quando sentia que os filhos iriam nascer ela pedia para o meu avô ir atrás da parteira e quando chegavam ela já estava com o bebê no colo. Ela fala que teve todos os seus filhos em casa e como foi a sua experiência com o primeiro parto que ela fez. E eu sou fruto desse conhecimento tradicional e a única criança prematura que ela fez o parto. Ela põe toda a sua fé em Deus e nos seus aprendizados que sua sogra lhe passou.

Seguem alguns trechos de nossa conversa:

Meu nome é Guilhermina, mais todo me conhece como Guilé. Eu tenho 70 anos, completei no dia 14 de dezembro. A idade é de 1948. Dessa idade é 70 mermo. E os filhos é 12.

Pergunto para ela: *A senhora teve eles todos em casa?*

Ela me responde: Foi tudo em casa. E nem quase consultava não. Que nesse tempo num tinha nem consulta assim pra mim consultar né, era tudo em casa. E mais só os primeiros quando eu ganhei que foi mais as partera. Mais tava Deus e eu mermo. Só Deus e eu. Aí quando eu mandava chamar pra quem cuidava partera que era minha sogra, oh muiiezinha que foi boa, foi boa demais. Que dos primeiro, é assim dos primeiro uns foi ela e outros num foi mais. Ela fez só me ensinar, que depois e as fias dela mais vea niunha, niunha serviu com essas coisas. E ela disse que ia me ensinar, que ela tinha os netos, tinha as filhas e que na hora que precisasse que eu já sabia como aconteceu que chegou a ponto de eu pelejar com as netas e os netos dela que casou né, que nem foi João vermei e esses filho, eles tudim foi eu quem peguei.

Aí o remédio que ela me ensinava era só o remédio mermo que a gente pegava daqui mermo, num precisava de outro remédio pra fazer o cozinhado, esse aí ce num vai ponhar não. Era manjeroma, e machucava um cumim e ponhava numa água morna. Era mesmo que dizer vamos agora. Esse remédio é pra apressar o parto. E a gente ficava ali esperando, e graças a Deus que esse ta de menino que eu peguei Má, Deus ajudou que nunca aconteceu pra dizer ela fez isso, ela fez aquilo.

Pergunto para ela: *Num vinha assim uns menino laçado no pescoço?*

Ela me responde: Parece que era uma bença de Deus que tudo dava certo. Foi uns 3 desse jeito que eu peguei. Aqui ele vinha e fazia uma cruz no estômago. E esse era o mais perigoso, né? mas Deus ajudou que nunca aconteceu qualquer coisa ruim.

Eu quando comecei a pegar, tava lembrando, a primeira que eu peguei foi Rosa de João Vermei. Eu num ia não, depois ele, nois vamo, nois vamo porque não tem ninguém pra cuidar. E daí eu falei: eu vou. E eu fui. Essa foi a primeirinha que eu peguei. E daí foi continuano, e o povo foi falano, fulano é isso, fulano é aquilo, ela é boa e ia. Deus ajudava que quando eu ficava mais elas, só era eu e aquela muié e ninguém mais não, porque eu já sabia, né, porque minha sogra já tinha me ensinado tudo, como é que era, como é que

pegava, como é que fazia o jeito quando a muié tava pra ganhar o menino e tudo dava certo.

O último que eu peguei foi esse que ta com 1 aninho, que é esse Iago de Dete. E agora eu vou parar, o último é ele mermo. Agora não vou mexer com essas coisa mais não. É por causa das minhas vistas, fia. Deus ajuda que fica nesse que num precisa de eu continuar mais não. É porque não dar não, fia, enquanto a gente ta boa ta boa, mas quando num ta, fazer o que? Agora como eu já num to enxergano bem mais. Só que todos que eu já labutei, só um parto que o menininho tava morto dentro da barriga da mãe e tudo deu certo, a mãe ganhou ele, mas não tinha mais o que fazer, só tinha eu ela no quarto, tinha duas muié, mas ela não deixou elas entrar no quarto. Aí a outra foi a mãe de Gerardim também ganhou e tava morto, essa era uma menina. E essas merma muié tava na casa e eu num dexei elas entrar não, só era eu e a muié que ia ganhar o menino. Aí preparei tudo quando o bichim nasceu passou dum hora os zoim dele istorou, feis assim pa. Eu fiquei com medo disso, nunca tinha visto isso acontecer.

Pergunto para ela: Mas porque a senhora acha que isso aconteceu?

Ela me responde: Eu acho que foi por causa da gravidez que foi muito difícil, ela teve muito problema quando tava grávida, ela inchou muito cedo, eu ia visitar ela direto e já percebia que a gravidez não tava normal, ela sentia muita dor de cabeça, falta de ar, dor no pé das viria, quanto mais os mês ia passano mais difícil a gravidez ia ficano. Até que aconteceu o que aconteceu. Foi difícil mas, graças a Deus, ela ficou viva, a criança não tinha mais como salvar, porque na semana que eu fui visitar ela, eu já tinha percebido que alguma coisa num tava normal. Aí ela perguntou: o comade Lé o que que ta aconteceno? Eu falei: Ó cumade vai ser difícil a hora da senhora. Ela falou: eu to sentino muita dor e num to sentino o menino mexer. Eu preparei uns remédio e uns banho e deixei pra ela beber e pra ela banhar. Aí todo dia eu ia na casa dela ou então mandava alguém ir, até chegou o dia dela ganhar aí foi o que aconteceu o que eu te falei.

E aí eu cismeia agora, porque aqui em todo lugar, eu ia no Riacho Comprido, no Barreiro por causa de Nedina que morava lá, foi quando ela ganhou esses menino derradeiro, porque os primeiro ela vinha pra ficar mais eu. Aí eu saía daqui. Tinha hora que eu saía daqui choveno, moiava tudim. Já levava uma muda de roupa na sacolinha, pra na hora que eu chegava lá eu trocar. E foi uma graça de Deus ser partera por todo esse tempo.

Quando interava uns quatro dias o imbigio da criança já caía e ficava normalzim, nunca ficou estufado. Que nem uns que fica aquele trenhão estufado, ave maria. Aí Deus ajudou que tudo o que eu fazia dava certo. Eu fazia os remédio e as muié ficava boa, cum prazo de 3 dias as muié tava tudo boa, num sentia nada. Só se elas fizesse alguma pintura. Mas se elas guardasse o resguardo direitim ficava boinha. Eu labutei com as minha fia tudo, que elas é 6. Elas num fazia as coisa assim, porque eu num deixava, mas tava boinha graças a Deus.

Depois que a muié ganhava menino, ali com 3 dias eu fazia a ensergação nela. A ensergação é pra muié num ficar buchuda. Os remédio que usa pra fazer a ensergação é arruda, manjeroma, o alho, o azeite põe tudo pa frever e passa no corpo da muié. Pelo braço direito, começa passando pela mão vai subindo pra cima até chegar no ombro. Aí passa na perna esquerda, começa pelo pé, e termina no centro do corpo, na altura do estômago. Depois o braço esquerdo e a perna direita. Depois vai na barriga e enserga forte aí junta aqui no imbigio, aí faz a amarração na barriga e usa durante 15 dias. Se a muié tiver cinta ela pode usar se num tiver pode usar uma faixa que vai ficar normalzinha a barriga. E a ensergação é boa também pra fechar o corpo da muié.

Tem muié que num gosta de usar esses remédio porque disse que fede, mas elas num sabe o quanto esse remédio é bom pa saúde nossa. Quando ganha menino no hospital, elas fala o médico disse que isso num pode aquilo e aquilo outro, eu num gosto nem de ficar perto dessas conversa porque eu sei o que pode e o que num pode, aí vem gente querendo me ensinar.

Pergunto para ela: *Já aconteceu de alguma muié falar alguma coisa pra senhora?*

Ela me responde: *Já minha fia, principalmente essa moçada nova, que num sabe das coisa. Porque as mais véa já sabe e as nova num sabe. Aí fica falano e eu já pego e saio pa num falar nada. Depois que ta doente num sabe o que fazer, aí vem atrais da partera pa fazer o remédio, aí eu faço minha fia porque eu gosto de fazer isso, sempre que for pa ajudar, eu ajudo. Eu gosto de ajudar minha fia, se precisar de mim e eu poder ajudar eu ajudo.*

Pergunto para ela: *Tem algumas mulheres que não dão leite nos primeiros dias. A senhora dar remédio pra isso também?*

Ela me responde: *Eu dou sim. Aí tem os remédio que dar pra elas render o leite. Tem a papaconha que faz o chá, a água de cuento. Tem outros remédio no mato que serve pra*

isso, nem precisa remédio da farmácia. Tem a alimentação com coisa de milho, como a canjica, o beiju, a farinha, o mingau, esses aí tudo é bom pa aumentar o leite também.

Pergunto para ela: Tem criança que quando nasce sofre muito com cólica, a senhora fazia remédio pra essas crianças?

Ela me responde: Tem umas crianças que sofre muito com essas quando nasce, num adianta dar remédio de farmácia que num vai sarar. Tem uns remédio no mato que é bom pra fazer o chazim pra criança beber. Tem muié que fala que num pode beber, pode sim. Pode dar sem medo de que a criança fica boazinha, minha sogra me ensinou tudo isso. Falano dos remédio tem a papaconha, a erva de sangue, a marva branca, que agora que agora minha fia, ta difícil de achar, ela agora ta cabano no meio nosso. Pega 3 pezim da marva branca tira aquela raizinha e machuca e vai dano pra criança beber, é merma coisa de tirar com a mão.

A muié quando ta ruim pra ganhar menino é usar os remédio que eu falei como a manjeroma, o cumim [cominho], a nanuscada [noz moscada] a pimenta malagueta pega as foia e faz o chá, é rapidinho as dar aumenta e a muié ganha menino logo. Tem que ter o tempo certo de dar o remédio, num é toda horinha que dar não. Só bebe na hora que a partera perceber que a dor é preguiçosa. Aí pode beber a água do alho também é boa pa aumentar as dor.

Tem uma rezinha que a minha sogra me ensinou pra criança descer. Vai imprensano a barriga, vai imprensano, porque tem coisa que num resolve logo, aí tem uma reza que é bem assim. É facinha:

*Santa Margarida, nem prenha e nem parida,
mas ce ta no rogo das parida.*

*Santa Margarida, nem prenha e nem parida,
mas ce ta no rogo das parida.*

*Santa Margarida, nem prenha e nem parida,
mas ce ta no rogo das parida.*

Reza essa rezinha, quando num leva hora a criança nasce.

Tem parteira que quando a criança ta nasceno, puxa a criança. Num pode puxar, tem que esperar a criança vim naturalmente. É essa puxação que é a perdedera, tanto sofre

a mãe quanto a criança e se tiver com o cordão umbilical enrolado no pescoço ele morre, por isso é que tem que esperar. Eu sabia de outra rezinha, mas agora me passou.

Pergunto para ela: *Como é que chamava a sogra da senhora?*

Ela me responde: *O nome dela era Maria Leocádia de Jesus, eita muiezinha que era boa. A primeira vez que eu fiz um parto eu tava grávida de Vando. As partera mais vea disse que quando ta grávida num pode fazer parto, mais num teve jeito, eu fiz graças a Deus deu certo o dela e o meu também.*

Pergunto para ela: *A senhora lembra quantos parto a senhora já fez?*

Ela me responde: *Minha fia eu fiz tanto parto, que nem sei quanto parto eu fiz. Foi 38 anos de parto. Eu fui contano até eu perdi das conta. Dos parto que eu fiz, dos primeiro já tem menino que nasceu, já tem filha que eu fiz o parto também.*

Desses menino que nascia pela mão da gente, tinha uma consideração forte pela gente, chamava de mãe, de vó, de mãe vea e de madinha.

As menina da sua mãe foi tudo foi eu que peguei, só Daia que foi cumade Vaninha. Das fia tudo eu fiz um parto, dois parto. Ai os outro nasceu no hospital.

Durante esse tempo que eu trabaiei de partera tinha dia que eu fazia 4, 5 parto num dia. Quando uma muié dava certo, aí eu chegava aqui em casa já tinha gente me esperando pa ir acudir outa muié, e assim ia. Graças a Deus tudo dava certo. Eu num cobrava nada por isso, eu gostava de fazer parto. Quando uma criança nascia, a alegria da famia era o meu pagamento. Ai quando o menino crescia e me chamava de mãe ou de vó eu ficava muito feliz.

Pergunto para ela: *A senhora fez parto de gêmeos?*

Ela me responde: *Fiz duas veiz, um foi um casal, o outro foi 2 meninim homem. É mais complicado, mas deu certo.*

Tem parto que tem ciência, tem criança que nasce vestida, tem uns que nasce dentro de uma bolsinha, tem uns que nasce imbruiado, que nem um saquim de pela. Tem que tirar logo, e guardar o saquim pra mostrar pra criança quando ela tiver grande que ela vai ser alguma coisa na vida. Eu já sabia, a minha sogra já tinha falado. E o povo fala que

*menina muié num pode nascer de bruço, que quem nasce de bruço é só menino homem.
Se a muié nascer assim ela vai passa a vida toda sem ter filho. (dona Guilhermina, 2018).*



Figura 4: Dona Guilhermina, minha avó. Foto: Edgar Kanaykõ

3. Os cuidados no resguardo (pós-parto)

O resguardo para as mulheres xakriabá é considerado sagrado e comigo não foi diferente. Desde o momento em que meu filho nasceu o resguardo já começou ali. Apareceu depois uma alimentação que a minha mãe não permitiu que eu comesse. Eu me lembro que era um ensopado de arroz com frango, ela me disse que o arroz não fazia mal, mas o frango por ser de geladeira iria me fazer mal.

Quando as crianças nascem, as mães geralmente vão para as casas das suas mães para ter os cuidados do corpo e da criança como minha avó sempre diz, principalmente para as mães de primeira viagem para não fazer pintura. As mulheres mais velhas sempre falam que a mulher que adoce de resguardo não melhora nunca mais, se ela não sentir em certas ocasiões de lua, ela vai sentir toda vez que dar à luz a um filho.

Na saída do hospital, fui para a casa da minha mãe para passar todo o período do resguardo com ela, para ter todos os cuidados comigo e com meu filho. A minha avó também contribuiu muito nessa fase.

Quando eu cheguei na casa da minha mãe, eu tive a dimensão do quanto o resguardo é sagrado em nossa família. Logo assim que nós chegamos do hospital minha mãe já soltou logo um foguete. Segundo a tradição era para a criança não ficar medrosa e também para avisar os familiares que havíamos chegado.

Então a família vai chegando para conhecer o bebê. Ai já tem que ter a arruda para dar às visitas e outras bebidas para celebrar a chegada do novo membro da família, e as primeiras a pegar os bebês são as avós que os observam e já percebe se parece com a família da mãe ou do pai. E a noite tem o pirão para todos da família. Aí reúne os homens e as mulheres que vão parabenizar os pais e os avós e levar os presentes. É muito difícil de a gente participar porque não pode pegar sereno e nem ficar muito tempo sentada.

A primeira bebida que tomamos é a encerrada. Ela serve para fechar o corpo e desinflamar o útero. Quando era de manhã o jejum era primeiro o remédio, aí depois que eu tomava café com bolacha de água e sal e nada mais, no horário de almoço só pirão e frango. A janta era servida por volta de seis horas da tarde quando não era pirão, era uma sopa. Essa rotina durou até o fim do resguardo que é de trinta dias. Durante todo o resguardo não se pode comer comida pesada como uma refeição completa.

Existe alguns dias específicos do resguardo que são mais rigorosos no sétimo dia para o filho e o último dia para a mãe.

Com sete dias de nascido, a criança não pode sair do quarto para não pegar o mal do sétimo dia, ele fica o dia todo no quarto sob a luz de velas protegendo dos maus espíritos, e não pode ficar sozinho e não pode chorar. Os mais velhos falam que a criança que pega esse mal dificilmente escapa.

O último dia de resguardo para a mãe, de acordo com as parteiras, é o mais resguardado, porque elas falam que durante esse período a nossa sepultura fica aberta, elas falam que ficamos com um pé na cova e outro fora. Ai quando chega o ultimo dia, os espíritos mal ainda tem chance de nos levar. Então a gente fica no quarto. Também tem que fazer todo aquele processo que é feito no primeiro, tem que tomar todos os remédios e se alimentar só de coisas leves e não pode ficar no escuro também.

Durante esse período os meus banhos eram preparados pela minha mãe, sempre com ervas que servem para fechar o corpo e desinflamar o útero, sempre dois banhos diários. Não podia ficar muito tempo sentada nem em pé e não pode andar muito rápido mesmo que não estiver sentindo nada. Minha mãe sempre falava que ficar muito tempo sentada pode ficar com a escadeira aberta (escadeira é a bacia). Então tinha que fazer meio a meio, meio tempo sentada e meio deitada.

A minha mãe sempre me aconselhou a não lavar os cabelos nesse período para não dar dor de cabeça. Sempre usamos um pano na cabeça para proteger da poeira e algodão nos ouvidos para não escutar muito barulho e não ficar com zoadada na cabeça. Esses cuidados são somente trinta dias.

Com três dias que meu filho tinha nascido, a minha avó foi para a casa da minha mãe para fazer a ensergação e outros remédios que só ela sabe fazer. E assim foi feito, ela fez a ensergação em mim e pediu para que eu tomasse os remédios e não perguntasse para mim para que servia pois eu era muito curiosa. Depois da ensergação ela pediu para que eu me cobrisse com o cobertor para suar. Ela disse que ao fazer isso eu iria fechar e desinchar o corpo, até porque ela fecha na altura do estomago então vem daí a tese que ela fecha o corpo. Depois que esse foi feito, eu fiquei com o remédio amarrado no corpo por quinze dias. A minha avó explicava que a mulher que guarda o resguardo e toma todos os remédios, fica saudável e não sente dor na coluna e a mulher que faz pintura nesse período que, se caso adoecer, não melhora nunca mais.

As mães e as avós são as melhores companhias nesse período de resguardo. Se caso tiver uma dúvida sobre o que comer, beber e fazer são com elas que vamos ter a resposta.

Só podemos ter relação sexual depois de quarenta e cinco dias. Tudo para proteger o nosso corpo e para ficarmos perfeita de novo depois que passar o período de cicatrização do corte e fechar o colo do útero.

As mães são exclusivamente as enfermeiras, são elas que preparam o banho, o almoço, a janta e ainda cuidam do bebê. Ela sempre me dizia que não podia comer comida esquentada, não podia jantar tarde e não podia beber água dormida, porque os maus espíritos bebem esta água durante a noite. Aí todo dia de manhã a água era trocada e não pode ser água gelada, porque não se pode comer nada de geladeira durante o resguardo.

As roupas eram lavadas e não pode ficar do lado as vestes no varal sempre do lado direito para cima e da criança não pode torcer para não dar cólicas. As mães já começam a lavar as roupinhas do bebê por volta dos quinze dias.

A minha avó conta como ela vê o resguardo hoje em dia:

As muié hoje num tá mais respeitano os resguardo não fia, pode ser que ganha em casa ou no hospital, tem que ter resguardo, senão a muié fica doente. Se ela adoecer de resguardo ela num miora nunca mais. Aí toda vez que ela tiver filho ela vai sentir daquele resguardo que ela num guardou. Lá no hospital num toma remédio nenhum não, a num ser um soro né e aí cabou cabou. Essas muié na hora que ganha assim, que já vai ficano boa num respeita assim mais não, parece que num tá com nada, nem parece que ganhou menino. Tem muita coisa que num pode fazer, num pode moiar a cabeça, num pode andar de mota, num pode andar descalço, num pode ficar muito tempo sentada, tem que comer comida leve, só o pirão de frango que é feito com farinha de mandioca ou de milho, com o caldo de frango e o frango caipira ou de carne de gado. A carne tem que ser fresca num pode ser esquentada tem que fazer na hora que a muié for comer. Tem também a sopa de macarrão com frango ou com carne de gado. A carne num pode ir na geladeira, tem que ser fresca ou seca. Se a carne for na geladeira ou a comida for esquentada pode fazer mal a muié ela pode ficar com a barriga pesada. E tem que almoçar no horário certo e a janta tem que ser mais cedo também.

Tem muié que faz muita pintura quando ta de resguardo, aí depois com o tempo ela põe a mãe do corpo pra fora. Eu já labutei muito com muié desse jeito. Ave

maria é ruim demais se Deus livre de chegar de sair tudo a muié morre. É, ela morre porque a proteção da muié é a mãe do corpo. Eu conheci uma muié que morreu disso, ela ganhou menino, o marido era um variado ele num fazia nada, ela fazia as coisa que num era pra fazer, ela tinha outros menino pa cuidar, aí ela pois a mãe do corpo pra fora, e num teve remédio, ela morreu desse jeito. A mãe do corpo parece um menino, tem cabelo, tem zói. Foi nois que banhou ela aí nois viu, ave maria foi uma coisa feia. Ela morreu rapidinho. É assim quando uce ganha menino e num tem cuidado, corre faz uma coisa e faz outra, igual a mãe do corpo é solta, aí ela sai.

Tem frutas também que as muié num come de resguardo igual mamão, manga, banana roxa, banana caturra, goiaba vermea. Tem mais fruta que num pode comer agora eu num to lembrano. A muié tem que ta procurano as outra o que pode e o que num pode comer.

Da para saber se uma mulher vai guardar seu resguardo direito ou não, pois quando a menina passa para a fase de moça, tem muitos alimentos que ela não pode comer quando está menstruada. Tem caças como: lebre, juriti, veado, paca, mocó, mechila etc. Frutas como: manga, principalmente manga rosa, limão, coco, cabeça de nego etc. Se ela tomar todos esses cuidados quando estiver nesses períodos ela vai guardar o seu resguardo. Agora se ela tiver a boca boa para tudo ela não vai fechá-la quando o seu filho nascer.

Quando se fala de alimentos proibidos a carne de porca cuiúda é um veneno para mulher menstruada e de resguardo também. Cuiúda é a carne de porca que nunca teve filhos. Carne de cocá, pato e peru e ovos também não se come. Geralmente não se come as mesmas coisas quando a mulher está menstruada e quando tem o bebe, porém o resguardo dura quarenta e cinco dias e para alguns alimentos só passa a fazer parte do cardápio só depois dos seis meses. Já para a mulher menstruada é só enquanto dura o ciclo menstrual.

Em entrevista com Deda Xakriabá, ele revela como adquiriu seus conhecimentos nessa prática do parto e cita como referência a minha avó dona Guilhermina - não só ela como várias parteiras do território indígena Xakriabá. Relata que começou os seus aprendizados como acompanhantes das parteiras mais experientes, e hoje é ele que está de frente nessa profissão linda:

Eu sou Deda xakriabá, e comecei trabalhando como professor de cultura, e a gente vem fazendo outras atividades também, para o fortalecimento para o nosso povo. E também para o fortalecimento das gestantes e eu já evinha acompanhando as parteiras de todas as aldeias. O nosso pajé e os partos fazem parte de um projeto que o pajé Vicente chamou a gente para fazer uma parceria juntamente com a UFMG e as parteiras né, e ter essa troca de experiencia e um fortalecimento das plantas medicinais. E a gente já fez dois encontros na aldeia Caatinginha com onze parteiras e hoje a gente vem atuando nessa área acompanhando as gestantes e tem uma companheira que é mais próxima aqui é Dona Maria e tem uns que chama ela de tia Preta né, que já vem pegando criança. A gente começou a acompanhar mais de perto desde os primeiros meses da gestação da gestante para saber o que está se passando, ou mesmo que se tiver tudo bem, mas a gente faz esse acompanhamento também até mesmo para saber a forma que a criança nascer se tem alguma dificuldade se vai ocorrer tudo bem. Quando a gente ver que vai ter a precisão de levar pra cidade para ser acompanhada pelos médicos a gente já orienta também que é preciso sair. Mas na visão que a gente tem até o ponto que a gente acompanha, aquelas que a gente acompanha avisa antes. E aquelas que a gente ver que dar pra fazer o acompanhamento vai do começo até no final, que começa no início da gravidez até a hora do parto. E até depois que a criança nasce. Tem eu e dona Maria que faz esse acompanhamento já tem um bom tempo. E a gente fez essa parceria e fortalecimento também com outras parteiras que tem essa troca de experiência e que, graças a Deus, a gente conseguiu fazer esses acompanhamentos e dar conta desse recado. Toda vez que tem uma gestante, quando ela começa sentir a gente já faz o acompanhamento mais de perto. O mês passado mermo a gente teve acompanhando, esse ano já acompanhamos quatro gestantes e aí só uma que foi preciso sair, mas as outras foi tudo aqui e ocorreu tudo bem a gente teve um bom retorno. As criancinhas estão todas com saúde e as mães também, tá com saúde. Falando no projeto, ele veio para o fortalecimento das parteiras, isso foi com todas as parteiras que a gente conseguiu agrupar. Teve um encontro na Caatinginha onde a gente sentou e fez o projeto da horta comunitária que pudesse acolher todas as parteiras que quisesse compartilhar em fazer o plantio e quando precisar deles já sabem onde encontrar. Aí toda semana fica alguém responsável para cuidar da horta que precisa de muitas qualidades de remédios. A arruda por exemplo, exige bastante cuidado, porque se não saber tirar ela acaba morrendo. Ela tem que saber o tempo e o horário, não pode tirar de qualquer jeito. Tendo uma horta já facilita porque tendo o cuidado com ela, quando não é uma equipe é outra

para ter esse cuidado. Nessa horta tem a manjeroma, o hortelã, o matruz, o mentraço. São remédios que serve para essas atividades e muitas outras plantas que serve e quando chega um momento desse a gente já sabe onde encontrar, é só ir buscar, ao invés de plantar uma plantinha aqui, outra ali, pra não ficar muito longo a caminhada. Esse projeto é em nome do povo Xakriabá todo, de todas as parteiras.

Nessa parte da entrevista Deda Xakriabá revela a experiência de ter acompanhado toda a gestação da sua esposa Valdenice, e de ter participado juntamente com Dona Maria do nascimento da sua filha recentemente, a pequena Darinda. Ele relata com muita emoção em poder ajudar a sua filha a chegar ao mundo e tentando ao máximo tranquilizar a sua esposa e também a si mesmo, pois essa é a primeira filha do casal:

A minha esposa foi uma das gestantes que eu acompanhei mais de perto, desde o início da gravidez, e também junto com dona Maria, que é nossa atual parteira que vem atuando há mais tempo. Sempre a gente conversava com ela referente à gestação da minha esposa e conseguimos fazer o acompanhamento e viu que não tinha necessidade de sair lá para o hospital. Aí quando ela começou a sentir a parteira já estava acompanhando e ficamos aguardando até o momento. Eu já comecei a preparação dos remédios para esse momento, e chamei a parteira que fica perto, fiz de tudo para ficar calmo e tranquilizar a minha esposa. Aí, graças a Deus, deu tudo certo, e ela não precisou sair. Foi uma emoção muito grande quando ela chegou. Ela e a minha esposa estão todas bem de saúde, uma criança tranquila que praticamente não dá um penico de trabalho.

Deda Xakriabá, conta como foi a sua primeira experiência com o parto e sua contribuição para as parteiras, onde adquiriu e passou conhecimentos.

Uma das primeiras gestantes que eu tive a oportunidade de acompanhar foi minha cunhada Sirlei. Foi preciso eu fazer esse acompanhamento, o marido dela não estava. Aí dona Maria veio juntamente com minha mãe. E a partir daí foi uma forma que eu fui ganhando experiência e dando suporte naquilo que estava no meu alcance, e fui fazendo troca de experiência e aquilo que eu tinha de conhecimento eu contribuía também, na questão dos remédios, uma preparação do ritual para a mãe ficar mais firme, porque o

parto mexe com a estrutura por completo na questão física, mental e na parte espiritual. É uma parte do ritual que a gente faz esse fortalecimento. A mãe recebe a criança com mais força, com uma energia mais forte e é muito mais saudável a gente atender dentro de uma aldeia, onde que a medicina é só com ervas do campo daqui, sem precisar de uma outra mistura de remédio.

Ele afirma que se caso precisar de fazer um parto sozinho, sem a ajuda de Dona Maria ele está pronto para assumir essa função, não que ele queira passar na frente da sua companheira, mas se algumas das gestantes que eles acompanham dar a luz no mesmo tempo, eles vão ter que dividir as funções:

Pode chegar caso de duas gestantes que nós acompanhamos, que dona Maria já esteja com uma das gestantes eu vou ter que acompanhar a outra e vou fazer o parto também. Vai ser o mesmo acompanhamento, eu tenho capacidade pelas experiências e isso facilita também. Mas mesmo assim a gente sempre vai trabalhar junto, quando ela precisa ela já avisa. Quando tem outra pessoa que me procura primeiro, eu já venho aqui e falo com ela pra gente fazer o acompanhamento juntos. E foi uma experiência muito boa, que iniciou através e uma necessidade e cada vez que a gente faz um parto é mais uma experiência e mais um aprendizado e fortalecimento que a gente adquire. As vezes também em momentos de dificuldade a gente consegue chegar mais distante, é mais um passo que a gente dá pela frente, a gente passa a ter outra visão, e quando vier outras a gente já sabe lidar com aquilo. Hoje eu só tenho que agradecer uma das parteiras que eu acompanhei primeiro que foi tia Guilé (dona Guilhermina, minha avó), e Dona Maria que hoje é minha companheira nessa missão.

Quando se fala em questão de mudanças no resguardo, Deda Xakriabá dá o seguinte depoimento:

A questão do resguardo até no ponto em que a gente tem acompanhado, teve uns casos que as vezes mudou um pouco, e tem casos que varia de família para família. Por exemplo, aquela mulher que teve um resguardo mais prolongado na questão da alimentação, o que podia comer e o que não podia e que teve mais conservação com o corpo as mulheres dessa mesma família como as filhas as netas sempre faz esse mesmo processo. E quando tem outra que não teve esse mesmo cuidado com a alimentação e nem com o corpo as outras vão seguir esse mesmo processo. Uma das diferenças que

teve hoje, porque no outro tempo o pessoal quase não usava o foguete, porque tinha uma forma de eles preparar a mulher para ela não quebrar o resguardo. Tem uma veia nas costas que ela é cruzada, eles furava ela dava uma pressão no sangue e depois espremia ali e colocava um algodão queimado no local, se fosse para soltar foguete soltava senão também não tinha precisão, porque a mulher não ia mais quebrar o resguardo. Hoje muitas pessoas não consegue mais fazer isso. Se for pra fazer faz, mas automaticamente já tem o foguete para soltar. Mas se caso a gestante quiser se for do acordo dela e da família, a gente faz essa prática e não precisa soltar foguetes. E não precisa ficar preocupada é só cumprir direitim aquela mulher não vai levar susto, mesmo que alguém fazer um barulho diferente, ou gritar e correr a mulher não assusta. Já na questão dos remédios quando o parto é na aldeia a gente consegue fazer o passo a passo, seguir o resguardo direito e os banhos certim. durante os trinta dias faz o acompanhamento dos remédios e o pirão de galinha frio de sal com todos os temperos, os banhos tanto da mãe e da criança, isso muitos conseguem fazer. Uma das diferenças foi só nessa preparação pra mulher não quebrar o resguardo. Quando fazia esse procedimento se chamava de tirar a ventosa da mulher para não quebrar o resguardo.

Logo após o parto a mulher precisa de todo um cuidado especial com banhos e bebidas para que ela recupere as suas forças e sua energia para cuidar do seu filho e Deda conta que faz esses remédios essenciais para a recuperação da mulher:

Eu faço toda a preparação para a mulher como a encerrada, ensergação, remédio para criança e muitos outros que precisar e que tiver ao meu alcance.

Ele afirma quantas gestantes ele já acompanhou de perto:

Até hoje eu já acompanhei cinco gestantes e dessas somente uma teve que sair pra cidade porque o bebezinho e a mãe estavam um pouco fracos. A criança além de ta com dificuldade para nascer e era de sete meses. Pra gente receber a criança aqui e depois ter que sair com ela, a gente junto com a mãe decidiu que fosse melhor ela ir pra cidade, que de repente a criancinha precisasse de um soro ou de outro conforto, mas que a gente iria ficar dando suporte aqui da aldeia.

Quando faz o acompanhamento e ver que não é normal a gente já direciona para o hospital. A gente também pede para que as gestantes faça o pré natal no hospital, porque isso também é muito importante para a criança e a mãe.

Quando a gente ver que o parto dar pra ser feito aqui mesmo, a gente faz, o máximo que a gente puder fazer. Quando tenho essa visão que a criança vai nascer aqui e nascer bem e que a mãe vai ficar bem e não vai ter grande dificuldade antes mesmo da criança nascer já dar pra ter essa visão.

As orações que as parteiras sabiam eu aprendi também, mas como foi em segredo de aprendizagem eu não posso falar. Ai em vez de passar diretamente pra mãe que vai receber, aí a gente faz entre aquelas pessoas que estão acompanhando. A oração é como um remédio, tem remédio que a mãe não pode saber, e na hora da oração que é um momento silencioso para dar força para a mãe e a criança para nascer com pressa e também se a criança tiver atravessada ela vai endireitar. Uma parteira ali com a outra ela faz uma oração, as vezes uma sabe a mesma, mas com raminhos diferente, então ali tem uma troca de experiencia. E logo, logo tudo dá certo. Vem Deus primeiramente sobre todas as coisas e depois a fé em nossos conhecimentos e tudo dar certo.

No território indígena xakriabá, ninguém aprende nada sozinho, sempre vai ter um ancião ou uma anciã para passar esses conhecimentos. Por isso o respeito em ouvir tudo aquilo que eles ensinam, porque esses ensinamentos pode ser uma forma de como podemos ajudar o nosso povo:

A primeira parteira que eu acompanhei foi a minha avó, dona Maria de Louro, a minha mãe, tia Senhora de João vinte, tia Guilé, tia Joana do Peruaçu, e dona Maria. Elas sempre me transmitiram seus conhecimentos e fortalecimentos e não ficava só focado em uma só atividade. Uma me passava uma experiência ali, mas pra me fortalecer e também fortalecer outras eu fui em busca desse conhecimento. Aquilo que eu aprendi eu fui repassando da mesma forma que eu adquiri, e aquilo que é de ciência com segredo, já é mais de conservação daquela pessoa. Cada um tem o seu segredo. Já a ciência das plantas é repassado normalmente.



Figura 5: Déda Xakriabá. Foto: Edgar Kanaykõ

A fé é uma grande aliada para quem está de frente nessa missão. Acreditar em seus conhecimentos adquiridos e confiar na natureza e todos os elementos que ela compõe é a maior demonstração de amor que a pessoa tem com o seu povo. Ser parteiro vai muito mais além da compreensão de só trazer uma criança ao mundo. Ser parteiro é manter todo um conhecimento tradicional e cultural de seu povo vivo, resguardando as mulheres com a mente, o corpo e o espírito saudável.

4. Conhecimento transmitidos dos mais velhos para os mais novos

Ser mãe é uma dádiva que somente as mulheres têm esse dom, o dom de transmitir a vida, mas quando se é mãe indígena a percepção desse dom ultrapassa todos os limites da compreensão. As mães indígenas têm o principal objetivo de passar para os seus filhos todos os conhecimentos que ela adquiriu ao longo de sua vida. Seja ela benzedeira, raizeira, cozinheira. Elas que vão ter todo o cuidado com os seus filhos, a dar educação, ensinar a respeitar o próximo, trazer para a criança o quão importante para ele ser uma criança indígena. São elas as defensoras dos direitos e deveres que seus filhos vão adquirir para sua formação tanto de ser humano quanto de ser indígena. Quando uma mulher xakriabá se torna mãe, a família daquela mulher comemora a chegada de um novo membro como uma festa.

São realizadas várias simpatias antes da mulher fazer a ultrassonografia para saber qual o sexo da criança. As mais comuns são as do coração da galinha e do garfo e colher. A do coração da galinha é feito assim. Ao matar a galinha e colocar para cozinhar quem for fazer a simpatia faz um pequeno corte no coração da galinha e diz para que serve é coloca para cozinhar ao terminar de cozinhar a pessoa vai lá e olha se o coração continuar fechadinho é porque a criança é homem e se ele ficar mais aberto significa que a criança é mulher.

Já a faca e o garfo são mais simples. A pessoa que vai fazer a simpatia põe um garfo e uma colher enrolado em um pano sobre a mesa e a mulher que estiver gestante vai pegar em um dos dois. Se ela pegar na colher quer dizer que o bebê que ela está esperando vai ser menina e se ela pegar no garfo é menino. Geralmente ela não sabe da simpatia, somente quem faz que sabe. E na maioria das vezes acontece de dar certo da simpatia bater com o mesmo sexo do ultrassom.

A mulher e mãe indígena tem uma força e uma energia espetacular tendo como principal base a natureza, pois ela alimenta, fortalece e cura. Tem conhecimentos adquiridos que são aprendizados para o resto da vida. Quando se é mãe a gente respeita mais a mãe terra, porque tem casos de doença da mãe e da criança que o remédio está na natureza. A pessoa vai andar a vida inteira nos melhores hospitais não vai encontrar aquilo que a natureza oferece.

O povo xakriabá conhece muitas ciências. Geralmente nessa parte são dominadas pelas mulheres e principalmente em relação à gravidez e ao parto. Muitas mulheres conhecem

quando uma outra está gestante quando nem mesmo a própria gestante sabe que está grávida. As conhecedoras geralmente são parteiras ou que já tenha um pouco mais de experiência de vida. Algumas falam que se conhece uma mulher grávida pela veia do coração que se passa no pescoço. Dizem que essa veia fica mais grossa e a aceleração da pulsação nessa região aumenta. Outras dizem que conhece pelo tom da pele da pessoa. Que geralmente a mulher que engravidou a pele fica mais uniforme mais vistosa umas falam que a pele fica mais rosada. Ainda tem a circunferência da cintura que as mulheres observam que ficam mais largas.

Mas não só as mulheres que sentem os sintomas da gravidez não. Aqui no Xakriabá as mulheres mais experientes dizem que pode acontecer que em alguns casos que as mulheres não apresentem nenhum sintoma da gravidez, o marido pode sentir uma forte dor de cabeça e também ele pode doer um dente que não esteja estragado. Esses podem ser um sinal de que a sua esposa esteja grávida.

Na fase de crescimento das crianças elas têm toda a supervisão dos adultos da família. Seja os pais, os avós e os tios. Elas têm toda a liberdade para brincar com outras crianças da sua idade e até outras mais velhas da sua família. Dificilmente elas são empreendidas por algo errado que elas fazem. São repreendidos aqueles que estavam responsáveis por elas naquele momento.

No território xacriabá, as crianças têm toda a liberdade do mundo para brincar, cantar, sorrir e se sujar porque isso para nós faz parte do aprendizado dessa criança. Quando a criança tem entre 6 a 8 meses que ela começa a engatinhar as avós sempre aconselham as mães a pôr a criança na terra para que ela tenha contato e possa sujar os joelhos. Porque se a criança não tiver esse contato ela vai demorar para caminhar. Segundo os mais velhos enquanto a criança não entrar terra no joelho ela nunca vai caminhar. Se demorar muito para essa criança caminhar a mãe vai buscar algumas alternativas na natureza para ajudar nesse processo.

Tem uma árvore que conhecemos como moleque duro aqui no Território. Ele é indicado para fazer o banho três sexta-feira seguida, quando chega na última sexta-feira a criança geralmente já está ficando em pé. Outra alternativa também é o casco de cavalo. Esse só se encontra no tempo das águas. É um barro que fica preso nas patas do cavalo aí quando para de chover ele endurece e cai e fica do mesmo formato da pata do animal. Então a

mãe ou o pai pega e bate nas pataquinhas do joelho da criança para ela endurecer as pernas e ter mais firmeza - esse também é realizado nas sextas-feiras.

Outro método também bem usado é cortar o rastro da criança com machado. Põe a mesma para caminhar e vai cortando os seus pequenos rastros com o machado. Feito também nas sextas feiras. Tem também de passar a baba do mocotó de veado nos joelhos do bebê, mas hoje no Território Xakriabá esse método está mais difícil devido à escassez de veado na natureza. As pessoas alertam que ao fazer isso a criança fica muito veloz.

Os mais velhos são conhecedores de várias ciências para várias fases da vida da criança. Quando esta demora para conversar são feitas várias simpatias para ele se desenvolver. Alguns dão água de chocalho, outros dão as chaves para a criança brincar, e dão até goiaba roídas de periquito tudo para os pequenos conversar logo.

A minha avó sempre diz que a mulher é aquilo que ela come e aquilo que ela acredita, pois é através desses cuidados é o que ela vai ser no futuro:

A muié é aquilo que ela come se ela num fechar a boca em umas época do ano ou do mês ela vai sofrer um bucado. Porque hoje ela pranta, amanhã ela colhe.

Ela é também aquilo que ela acredita. Tem muitas que fala que é bestagem ficar guardando resguardo, que isso é coisa do passado. Quando é no dia do amanhã tá caçano remédio na casa da gente porque ta sentino alguma coisa. Tem horas que os remédios da jeito, tem hora que não. Mais eu num nego minha fia porque o que Deus me ensinou eu num vou dizer que eu num sei por que é pecado. (dona Guilhermina, 2019).

Os aprendizados que adquirimos no período de gestação e resguardos vamos levar para o resto da vida, pois somos nós que vamos repassar para nossas filhas e netas.

Quando se fala em ciências do parto, ninguém melhor que uma parteira e um parteiro para saber e explicar todas elas. Algumas são segredos de profissão que só são passadas para aquelas pessoas destinadas a aprender. Dona Preta e Deda Xakriabá revelam alguns conhecimentos que eles adquiriram com anos de prática que são muito importante para o povo Xakriabá. São essas ciências a base forte para manter todo o conhecimento de um povo vivo, além de definir quem são as crianças que vão chegar ao mundo, qual o seu significado e a sua importância para o seu povo. Isso que ela explica no limite que eles

podem. E tudo aquilo que a mãe perde ao ter o parto no hospital e o que ela ganha com o parto em casa:

Tem uma observação quando a criança nasce, tem umas que ela nasce com o cordão umbilical ele vem passado uma volta no pescoço, ou na cintura até isso também tem uma identificação daquilo que a criança vai ser pela frente. E uma das dificuldades da criança é de acordo o que o pai e a mãe usa. Se usa um colar, uma pulseira alguma amarração nos braços, no pescoço, nas pernas, isso faz com que a criança demore para nascer. Deixar os cabelos amarrados pode fazer o parto demorar. Tem todo esse contato entre a mãe e criança e entre o pai e a criança. Quando o bebezinho vem a volta do cordão no pescoço e ele tem uns traços bons, é de acordo com aquilo que os pais fazem no dia a dia. A criança que chora na barriga da mãe, ela vai ser umas das principais adivinhas do território e do mundo e não vai ter nada e nem ninguém que vai enganar ele. Essas pessoas têm uma missão a cumprir. (Deda Xakriabá, 2020).

O que é de preservar aqui, o de guardar pra trazer aquele menino lá no hospital já desmantela e acaba que o menino fica desorientado, acontece muito desastre cum ele, ou talvez até faz coisa que ele num deve fazer. Mais por quê? Quando nasce um menino no hospital eles num guarda, ele bem guardado aí acaba que o caminho dele é extraviado. E aqui não, quando o menino nasce aqui na aldeia ele é guardado pela natureza, ali a gente guarda ele, preserva ele, traz ele do jeito que Deus manda. E a gente vai guiano ele até ele ter um bom futuro pela frente, com toda a força de Deus pra ele se guiar. Então a gente tem um bom resultado dele. Isso é onde eu percebo a diferença entre o parto na aldeia e no hospital. Quando a criança chega aqui na aldeia a gente já sabe quem é ele, mas ali a gente guarda. Só do companheiro que joga qualquer lugar, besouro e rato rói, cachorro come, põe fogo aí eles fica perdido porque o companheiro deles foi extraviado, aí tem menino que da pra roubar, outros fica violento, fica zuretado tudo isso é por conta disso aí, aqueles meninos que tem uma boa sorte e ela fica perdida. É porque temos que ter muito cuidado com essa ciência pra gente poder orientar as mães e as crianças para o futuro que elas tem que ser. E também pra gente num deixar perder porque hoje ta bem difícil pra gente passar esses conhecimentos. Tem muito caso de pessoas jovens que fica desmaiano é porque a mãe num foi bem informada pela parteira o que esse menino ia ser pra ela ir preservano ele dano as dicas para o caminho dele e procurar as pessoas certas pra ir guiano ele, mais quando ele seguir o seu caminho direitim ele vai melhorar, porque ninguém foge da missão de Deus. (Dona Preta, 2020).

Dona Preta afirma todo amor em ser parteira, uma profissão que não tem remuneração financeira, onde que a forma de pagamento é o bem estar da mãe e da criança, e ser reconhecida como parteira pelo povo Xakriabá. Ela fala com emoção e orgulho dos seus conhecimentos e de toda experiência adquirida. Ela diz com toda sua energia que se quiserem ofendê-la é só falar que vai pagar para ela fazer um parto:

É um trabalho muito bom eu tenho o maior prazer em fazer ele, toda vez que a gente traz uma criança ao mundo e ver que ela e a mãe fica bem da uma sensação de trabalho bem feito. E o pago é a nossa capacidade de ajudar.

Quando se fala em resguardo e conhecimento, uma parte principal é guardar. Se algo der errado e a mulher quebrar esse resguardo dona Preta explica as consequências desse fato, os riscos e as soluções, se caso isso acontecer:

Se a mulher chegar de quebrar o resguardo ela inflama o útero, azoreta o juízo, fica com zuada na cabeça, inchar a barriga, fica muito buchuda, ela fica com muita dor no corpo e isso pode levar ela até a morte. Se a gente quebrar o resguardo e num tiver mais filho pra fazer aqueles mesmo remédios e seguir a indieta passo a passo ela num miora mais. O resguardo que é quebrado só miora com outro. Se a mulher num cuidar do corpo direitim, se ela num beber os remédios que a gente dar e num fazer a ensergação as vezes fica risco da mulher rancar o útero, pôr o útero pra fora, ele fica inflamado, faz cisto, faz mioma faz tudo isso se ela num cumprir a dieta direitim. Quando a mulher ganha menino no hospital ela vem sacudino, balançano, a mãe do corpo ela fica fora do lugar, só da vinda de lá pra cá a mãe do corpo fica solta, aí quando chega aqui pra gente colocar no lugar fica bem difícil porque ela num cai no lugar dela porque ela ta inchada e a mulher vai sentir as consequências mais tarde. E quando o parto é aqui na hora que termina o parto a gente já põe ela no lugar. Pra quebrar o resguardo aqui só se a mulher quiser. Só ela pode cuidar da dieta dela. Aqui tem muito repouso. Quando ela vem de lá ela já vem pegano vento, aqui ela num pega, só vai sair do quarto cum três dias, e com o sol já alto, e quando for cinco horas ela já ta se recolheno pra dento do quarto. É só seguir tudo direitim que ela num vai ter nenhum problema, depois que passar esses dias de dieta ela vai ser a mesma mulher que ela era, ela vai ser saudia sempre. Quando eu decidi ser parteira a minha maior motivação foi o amor, é pelo amor, pela fé e confiança. No meu pensar eu vim ao mundo foi pra mim ajudar os meus irmãos. Se Deus me deu essa capacidade foi pra mim servir o meu povo Xakriabá, e não tenho nenhum desejo de

receber nada por isso. Se algum dia alguém falar pra mim que vai pagar isso vai ser o que mais vai doer em mim. A coisa mais bonita é trabalhar por amor.



Figura 6: Dona Preta. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro



Figura 7: Dona Preta e sua família. Foto: Maemes Gonçalves de Oliveira Ferro

A família é o bem mais precioso para nós xakriabá, quando Deus nos concede um dom para que podemos ajudá-los de alguma forma, a gente agradece a ele todo o tempo. Quando se é parteira as energias que fluem no seu corpo vem da natureza e alimentam sua alma e seu espírito. A espiritualidade está presente em cada palavra que a parteira expressa. A sua emoção em falar da sua trajetória nesse lindo caminho até nos emociona também.

Dona Preta é uma mulher conhecedora de muitas ciências que vai além de só fazer o parto. Ela faz parte de um seletto grupo de pessoas no território que consegue interpretar vários conhecimentos, tem amplo domínio com as plantas medicinais, é artesã, benzedeira, rezadeira. Ela ajuda não só as mães a dar à luz aos seus filhos como também consegue identificar aquelas pessoas que tem ciência, a guiá-los para um bom caminho até eles conseguirem se encontrar. A gente percebe o orgulho da sua família ao conhecimento dessa mulher guerreira que tem uma energia extraordinária. Deus prepara as pessoas certas para ajudar e servir ao seu povo.

Considerações finais

Neste percurso dei à lua a um percurso acadêmico e a um filme, guiada pelas histórias das parteiras. Foi muito importante pra mim fazer esse trabalho. Ele representa minhas buscas que eu já tinha antes de ingressar no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas. (FIEI) Desde que comecei a tentar engravidar para dar à luz ao meu filho, a partir do tratamento que fiz com Pajé Vicente, venho me atentando para compreender melhor os conhecimentos do parto que passa pelas histórias das parteiras.

Minha avó Guilhermina, além de eu ter vindo ao mundo pelas mãos dela, também é uma pessoa de grande sabedoria e muitas experiências de parto. Desde que fiz o tratamento para engravidar até eu dar a luz ao meu filho, passar pelo parto e pelo resguardo eu me aproximei muito dela. Esse trabalho me fez aproximar ainda mais dela para escutar suas histórias e registrar em um filme para que fique na memória o meu olhar sobre ela e as nossas vozes de mulheres xacriabá através da lente.

Mesmo eu sendo muito ligada em minha avó a vida toda, tiveram algumas coisas que eu não sabia e que ela me contou durante o trabalho. Uma das coisas que eu não sabia é que tinha nascido prematura. Também tinham muitos conhecimentos sobre plantas que eu não conhecia tanto quanto fiquei conhecendo.

Pajé Deda e Dona Maria também foram muito importantes nesse processo. São pessoas de muitos conhecimentos, muita sabedoria, muitas ciências que vão além de só fazer o parto. Eles fazem parte de uma constelação de pessoas no território que consegue interpretar vários conhecimentos, tem amplo domínio com as plantas medicinais, artesanato, benzeção, reza.

Eles conduzem não só as mães a dar à luz aos seus filhos, mas conseguem identificar aquelas pessoas que tem ciência, guiá-los para um bom caminho até eles conseguirem se encontrar. A gente tem muito orgulho de ter essas pessoas que estão sempre preparando a gente, iluminando nossos caminhos e nos orientando seja sobre como dar a luz, como criar, como conhecer.

Referências Bibliográficas

MORAES, Sara Santos. Parto Tradicional do Povo Pataxó Hã Hã Hãe. Trabalho de conclusão de curso de graduação, 2019.

MORENO, Valdirene Santos. Transformações da saúde na aldeia Mata Medonha: olhares dos que cuidam da comunidade. Trabalho de conclusão de curso de graduação, 2018

CRUZ, Maria José Alves da. Nascer Xakriabá: saberes e práticas tradicionais e científicas sobre parto. Trabalho de conclusão de curso de graduação, 2019.